



**ECOLOGIA** VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

# Incêndios florestais e bondade natural

**E**m 1857, José de Alencar (1822-1877) escreveu a sua famosa obra, *O Guarany - Um Romance Brasileiro*. A obra, que seria transformada numa ópera por Carlos Gomes em 1870, intensificava, em torno do herói romântico Peri, um índio tupi, o mito do bom selvagem vivendo em harmonia ecológica com a natureza. Contudo, a pesquisa histórica modera consideravelmente o entusiasmo com o aparente ecologismo espontâneo dos índios. A devastação dos recursos naturais e florestais brasileiros aumentou, sem dúvida, exponencialmente, com a intrusão europeia e com uma economia colonial baseada em algumas monoculturas. No entanto, importa não só reconhecer o esforço legislativo das autoridades portuguesas para impedir essa excessiva exploração por parte dos colonizadores (tal é o caso do Regimento do Pau-Brasil de 1605, entre outros institutos), como também não sermos vítimas de uma idealização do comportamento ecológico dos povos nativos. O debate continua ainda hoje, mas temos de reconhecer que as queimadas, usadas tanto para a caça como para retirar à floresta terreno para a agricultura, eram uma prática dos povos ameríndios, com claros impactos ambientais negativos, bem anterior à chegada dos colonizadores.

No caso português, talvez tenha sido a literatura do século XIX,

onde pontifica *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queirós, a contribuir para a mitificação do mundo rural e para a beatificação dos seus habitantes, aparentemente mais próximos de alguma força telúrica misteriosa e originária. Tenho criticado muito o governo, mas os governos refletem os povos. Escassos dias depois da tragédia incendiária do 15 de outubro um avião da Esquadra 502 da Força Aérea Portuguesa esteve no ar 48 horas, dias 28 e 29 de outubro. A sua vigilância permitiu detetar 13 queimadas feitas pela população local (apesar de toda a gente saber que estavam proibidas até 31 de outubro). A rápida comunicação com os bombeiros, impediu que

alguns focos de incêndio degenerassem em calamidade, como em 17 de junho e em 15 de outubro.



**O combate efetivo aos incêndios florestais precisaria de uma verdadeira Reconquista e Repovoamento do território, de um reordenamento compulsivo da floresta**



Área: 330cm² / 39%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5909983



Data: 08.11.2017

Título: Incêndios florestais e bondade natural

Pub:

**JL**

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 28



Ao contrário do mito de uma conspiração incendiária, promovida por interesses económicos obscuros, tanto a investigação da PJ como vários estudos académicos parecem confirmar que a maioria dos fogos de origem humana só poderão ser considerados criminosos se a estupidez, a ignorância e a irresponsabilidade de muitos habitantes das nossas aldeias for considerada um crime. Também temos os nossos abusadores do recurso às queimadas. Por um lado, aqueles que repetem usos tradicionais do fogo, indiferentes às alterações climáticas e à mudança da paisagem florestal, agora dominada pelas monoculturas de crescimento rápido, e combustão ainda mais veloz. Por outro lado, aqueles que à distância, escondidos atrás de um cadastro de propriedade rústica que

está por fazer há décadas e décadas, aproveitam para se fingirem de mortos quando recebem convocatórias para a limpeza sazonal das suas áreas de mato e floresta, mas nunca se esquecem de receber o seu quinhão, pela colaboração voluntária na endemia lusa do eucalipto.

Uma endemia que, como escreveu Jorge Paiva, ajudou a transformar a floresta portuguesa numa gigantesca ignisilva. O combate efetivo aos incêndios florestais precisaria de uma verdadeira Reconquista e Repovoamento do território. Precisaria de um reordenamento compulsivo da floresta, movido pelo *salus populi* e não pelo sacrossanto direito de propriedade, ou pelas manobras de lóbis setoriais com forte influência nos decisores políticos. **JL**

Área: 330cm<sup>2</sup> / 39%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5909983